



Podcast Rio Memórias

Ep 5 - O caminho de volta

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Entrevista Monica Lima

Gravações externas

Música

[INÍCIO DO EPISÓDIO 5]

[ÁUDIO]

Som de caminhada na natureza, pássaros cantando, passos na mata.

[MÚSICA] 1

Tema minimalista para acompanhar a cena.

[LOCUÇÃO]

Oi. A gente tá agora na Estrada do Corcovado.

[ÁUDIO]

Som da mata.

[LOCUÇÃO]

Mas calma que ainda falta um século pra construção do Cristo Redentor. Aliás, não tem nem a linha férrea, que foi inaugurada por D. Pedro II em 1884.

[ÁUDIO]

Segue o som.

[LOCUÇÃO]



Mesmo sem o Cristo, na primeira metade do século 19 o Corcovado já é um ponto importante do Rio de Janeiro, porque ali de cima dá pra ver praticamente a cidade inteira. Sem falar na vista encantadora do Oceano Atlântico. Tanto que em 1885 foi inaugurado ali o mirante do Chapéu do Sol.

[ÁUDIO]

Som de passos na trilha.

[LOCUÇÃO]

Mas enfim, quem tá caminhando pela trilha é um viajante francês chamado Hygin Furcy de Bremoy.

[PRONÚNCIA: Hiján Furcí de Bremoá]

[LOCUÇÃO]

Os relatos do Bremoy indicam que um dia ele encontrou nessa região um homem sentado perto da estrada, com os olhos fixos no mar. O francês se aproxima e reconhece aquele rapaz: era um negro liberto, que já tinha trabalhado pra ele como carpinteiro.

[ÁUDIO]

Os passos param.

Fica o som dos pássaros.

[LOCUÇÃO]

O Bremoy pergunta o que o homem tá fazendo ali, sozinho, longe do centro da cidade. E escuta que ele conseguiu a alforria três meses antes e se mudou pra uma cabana ali no morro, porque queria morar onde fosse possível ver o oceano. Pra se sentir mais perto da África.

[MÚSICA] 1

Pequena virada na música.

[LOCUÇÃO]

O homem tira de uma bolsa quatro esculturas pequenas, e diz ao viajante que elas representam o seu pai, a sua esposa, o seu filho - que ele nunca tinha visto - e o seu



tio, que era um rei no continente africano. A gente não sabe o nome daquele carpinteiro. Mas ele explica pro Bremoy que tá juntando dinheiro pra comprar uma passagem de navio.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Eu tô rezando pra que as águas levem minhas saudades pra minha querida terra.

[LOCUÇÃO]

Depois de viver como escravizado no Rio de Janeiro e conseguir a liberdade, ele quer voltar pra Angola e reencontrar a família.

[ÁUDIO]

Som dos pássaros.

Ondas ao fundo.

[MÚSICA] 1

Virada para o tema de abertura.

A música fica um pouco, sem pressa.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e esse é o quinto episódio da temporada Rio Atlântico, baseada na galeria que você encontra no nosso museu virtual, em riomemorias.com.br.

[LOCUÇÃO]

No fim da nossa jornada a gente vai voltar na cabana do carpinteiro. E até lá você vai ouvir outras histórias de homens e mulheres que saíram da África de forma compulsória, cruzaram o oceano rumo ao Rio de Janeiro, viveram o horror da escravidão, mas conseguiram o que parecia impossível: fazer o caminho de volta.

[MÚSICA] 1

Fica a música, sem pressa.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: A conquista da liberdade.



[LOCUÇÃO]

Quem vai acompanhar a gente hoje é uma pessoa que já passou por aqui nessa temporada. Lá no terceiro episódio, “A outra margem”, eu avisei que a professora Mônica Lima ainda ia voltar, né? Ela ensina História da África na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, e é a curadora da galeria Rio Atlântico no site do Rio Memórias. É a professora Mônica que vai ajudar a gente a entender a história dos africanos e das africanas que retornaram pra casa.

[MONICA LIMA]

[1:51 a 1:58]

Bom, essa é uma história, de fato, fascinante. Eu sempre começo dizendo que são histórias extraordinárias.

[LOCUÇÃO]

Mas antes de voltar pro oceano, havia uma missão que não era nada simples: deixar de ser escravizado.

[MONICA LIMA]

[7:54 a 8:11]

A gente lembra que a escravidão sempre caminhou junto com a luta pela liberdade. Muitas vezes, essa luta envolveu a fuga - muitas, muitas vezes - muitas vezes, essa luta envolveu a rebelião. E, algumas vezes, essa luta envolveu a negociação.

[LOCUÇÃO]

No episódio anterior, teve uma frase da professora Martha Abreu que me marcou. Eu vou tocar aqui de novo pra você ouvir.

[MARTHA ABREU]

[Arquivo da entrevista na pasta do episódio 4]

[14:54 a 14:58]

A liberdade no Rio de Janeiro no século 19 é negra.

[LOCUÇÃO]



Você lembra dessa frase? Por que ela diz isso? Porque nessa época o Rio passou a ter uma uma população numerosa de negros libertos. E a negociação do trabalho foi um método importante pra criar esse cenário. Uma negociação que começa a acontecer com mais intensidade a partir do fim do século 18. Pra entender como isso aconteceu, vamos voltar pra professora Mônica Lima.

[MONICA LIMA]

[3:26 a 3:45]

Você tem um movimento dentro do próprio universo da escravidão que é um movimento em que se fortalecem - e isso é uma iniciativa dos próprios escravizados - os caminhos para a liberdade. A partir de negociação do trabalho.

[3:46 a 3:59]

Em Minas Gerais, por exemplo, que era a região da mineração, fortíssima mineração no século 18, vai começar a surgir com mais frequência a figura da coartação.

[LOCUÇÃO]

Coartação era uma forma que o escravizado tinha de negociar o pagamento da própria alforria dentro de um prazo estabelecido.

[MONICA LIMA]

[4:12 a 4:28]

Então, o escravizado dizia: olha, eu vou pagando com meu trabalho a mais, ou com algo que eu consiga por fora, de tanto em tanto, o preço da minha alforria. Isso era negociado.

[LOCUÇÃO]

E interessava às duas partes: o escravista queria que aquela pessoa produzisse mais em pouco tempo - ainda mais numa atividade como a mineração, que dependia de conhecimento tecnológico. E ficar mais perto da alforria era o que interessava ao escravizado coartado.

[MONICA LIMA]

[5:18 a 5:27]

... que era um escravizado que estava em uma situação diferente dos demais. É como se ele estivesse em vias de se libertar.



[5:41 a 5:57]

O que vai acontecendo é que vão sendo criadas formas negociadas, à custa, evidentemente, de muito trabalho, e muita inteligência, de se alcançar a liberdade entre os escravizados. E que envolviam, muitas vezes, essas negociações.

[LOCUÇÃO]

Negociações que não aconteciam só com os homens.

[MONICA LIMA]

[7:01 a 7:41]

As escravizadas mulheres, no ambiente doméstico, vamos dizer assim, pela demanda delas nos trabalhos relativos ao cuidado com as pessoas, também terão nesse trabalho do cuidado, porque é um trabalho, né, e muitas vezes esse trabalho envolvia deixar seus filhos, sua família de lado, elas terão essa via de negociar a sua liberdade. Então, essas formas de obtenção da liberdade elas vão se tornando mais frequentes.

[LOCUÇÃO]

E nem sempre são iniciativas individuais.

[MONICA LIMA]

[9:00 a 9:11]

O alcançar essa liberdade não poucas vezes envolvia também uma ação coletiva. Então, os escravizados precisavam se organizar para se ajudar para libertar.

[LOCUÇÃO]

A gente já falou nessa temporada, lá no primeiro episódio, sobre as irmandades religiosas. Você vai lembrar que a Jamille Bullé, nossa produtora, foi até a Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia, na Rua da Alfândega - uma congregação fundada por pretos minas em meados do século 18. E a igreja funciona até hoje no meio do caldeirão sonoro do Centro do Rio.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Na pasta Gravação externa, arquivo "Ep5 Jamille na igreja"]



[Deixa o som ambiente surgindo no fundo da locução anterior, sobe o som em 0:50]

- Padre: Palavra da salvação.

- Jamille: Eu acabei de entrar aqui na igreja, e o engraçado é que, por mais que seja significativamente mais silencioso do que lá fora, né, a gente ainda consegue ouvir o som dos áudios gravados, né, o som das pessoas gritando, som de publicidade, então fica um pouco mais calmo, mas ainda é um pouco caótico.

[Deixa alguns segundos do falatório ao fundo, e o som vai sumindo no fundo da locução]

[LOCUÇÃO]

As irmandades religiosas faziam coletas pra financiar alforrias de escravizados que viviam em cenários de maior opressão, nas fazendas, na mineração. E o espaço urbano tinha também outras formas associativas.

[MONICA LIMA]

[9:52 a 10:03]

A gente tinha, por exemplo, no Rio de Janeiro, e não só no Rio de Janeiro, mas vou falar do Rio, que é o nosso campo de olhar mais próximo, os cantos de trabalho.

[ÁUDIO]

Som do burburinho da cidade.

[LOCUÇÃO]

Um canto de trabalho podia ser, por exemplo, uma esquina na zona portuária. Ou uma praça. Ou um espaço improvisado perto de uma igreja. Ali ficavam reunidos homens...

[MONICA LIMA]

[10:25 a 10:52]

... que estavam ali esperando ser chamados para algum serviço. Em geral, cada canto de trabalho tinha um coordenador. Isso é bem característico do século 19. Então você vai ter... e ali na região portuária, isso era muito comum. No centro da cidade, muito comum. Por quê? Porque eram os escravizados que faziam todo tipo



de trabalho. Carregar, levar, trazer as coisas... enfim, toda e qualquer carga e descarga, transporte... consertos...

[ÁUDIO]

Sobe o som de carregando caixas.

Pode ter som de carruagem.

Fica no fim das falas até o fim do capítulo.

[MONICA LIMA]

[10:52 a 11:19]

E aí a pessoa chegava num desses cantos, que eram conhecidos... e perguntava ao coordenador, ao chefe do canto: olha eu preciso de alguém para fazer um conserto na minha casa. Eu preciso de alguém para carregar um piano. Alguéns, na verdade, pra carregar o piano... Eu preciso de alguém para descarregar um barco. Preciso de duas pessoas, dois homens... E esse chefe de canto determinava quem era o da vez.

[LOCUÇÃO]

Esses cantos de trabalho também eram associações de ajuda mútua. Às vezes até com uma poupança, um pecúlio, uma caixinha com dinheiro pra ajudar quando alguém precisava.

[MONICA LIMA]

[12:34 a 12:38]

E muitas vezes isso era guardado... Para ser usado na compra da liberdade.

[MÚSICA]

Tema de transição.

Começa minimalista para acompanhar a próxima locução.

[LOCUÇÃO]

Essa compra envolve, claro, a exploração do trabalho. Mas envolve também negociação. Envolve um cenário internacional cada vez mais contrário ao tráfico escravista. E envolve rebeliões. Porque a promessa da libertação nunca foi suficiente pra impedir a insurgência. Isso vai criando um cenário diferente no Rio de Janeiro e em outras partes do país...



[MONICA LIMA]

[13:21 a 13:27]

Faz com que a gente tenha essa população de libertos, né, numerosa, no Brasil do século 19.

[19:59 a 20:06]

E o que é que isso tem a ver com a história dos libertos que voltam para a África? Tem tudo a ver, né...

[MÚSICA]

Virada na música para a transição de capítulo.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: O regresso

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=ua9P9mf3sGM>

[0:51 a 1:09]

Som ambiente no morro em Freetown.

Locução da Gabi entra por cima desse trecho.

[LOCUÇÃO]

Esse áudio que você tá ouvindo foi gravado no dia 14 de agosto de 2017, no Pão de Açúcar. Mas não esse Pão de Açúcar que você tá pensando. Um morro chamado Pão de Açúcar em Freetown, capital de Serra Leoa, na África Ocidental.

[ÁUDIO]

[0:06]

- Repórter: A solid house has been destroyed by natural disaster.

[Depois disso o áudio fica no fundo da locução]

[LOCUÇÃO]

A voz é do repórter Sonny Cole, do canal RWMG, e o que ele tá mostrando é o efeito de um deslizamento de terra que fez desabar uma parte enorme da



montanha, soterrando casas pelo caminho e deixando mais de mil pessoas desaparecidas.

[ÁUDIO]

Sobe o som do áudio um pouco.

Depois vai sumindo no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

A tragédia foi avassaladora, porque Freetown foi construída ao redor desse morro. E a cidade que tem uma montanha com o mesmo nome do maior símbolo do Rio de Janeiro foi fundada no fim do século 18 com um objetivo bem definido: receber imigrantes africanos que viviam nas Américas, especialmente na Jamaica e no Canadá. Mas aquele não era exatamente um movimento voluntário.

[MÚSICA]

Tema para acompanhar a locução.

[LOCUÇÃO]

Serra Leoa era uma colônia britânica. Em setembro de 1800, mais de quinhentas pessoas atravessaram o Atlântico e desembarcaram em Freetown. Eram negros livres ou libertos, que tinham se envolvido numa rebelião na Jamaica. Os colonizadores achavam que aquelas pessoas seriam uma influência negativa pros escravizados nas Américas. A solução: deportar todo mundo. Migrações desse tipo fizeram parte de um movimento conhecido como Back to Africa. Os Estados Unidos também entraram nessa, e aproveitaram pra levar as igrejas.

[MONICA LIMA]

[47:23 a 47:28]

Esses movimentos de volta para a África não são exclusivos do Brasil. Isso é algo importante de ser lembrado.

[47:49 a 48:06]

Os Estados Unidos vão fazer campanhas, igrejas **[cortar silêncio]** do Back to Africa. Mas vai ter um conteúdo meio assim. Primeiro vamos levar a fé das igrejas para lá, né? E, por outro lado, vamos salvar a África. E um certo mal-estar que o próprio governo estadunidense vai ter com os libertos.



[LOCUÇÃO]

Às vezes era uma mistura de uma campanha evangelizadora com a deportação forçada de pessoas indesejadas naquelas sociedades nas Américas. O fato é que as notícias do movimento Back to Africa circulavam pelo mundo atlântico. As informações sobre os retornos certamente chegaram nas ruas de Salvador, de Recife, e claro, do Rio de Janeiro.

[MÚSICA]

Virada na música.

[LOCUÇÃO]

Com uma diferença fundamental.

[MONICA LIMA]

[49:21 a 49:47]

No Brasil nunca houve financiamento para que eles voltassem. Nunca houve por parte de nenhuma agremiação religiosa. Pelo menos não temos notícias, a história sempre surpreende a gente. Mas nunca houve o estímulo do Estado brasileiro. Foi iniciativa das pessoas. Conjuntamente. Não tenho a menor dúvida que os retornos eram iniciativas e movimentos coletivos.

[LOCUÇÃO]

O fato de se tornar liberto era o começo, mas não bastava. Pra entrar num navio e voltar pra África, era preciso ter algum dinheiro e uma autorização, um passaporte. Um documento que carregava uma série de descrições. Desde a nação à qual a pessoa pertencia, até as características físicas dela. E ainda tinha que incluir o aval de uma testemunha com domicílio na cidade, pra atestar que aquilo não era uma fuga.

[ÁUDIO]

Som de escrever.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]



Theodora Jacó, preta liberta de nação angola, baixa, rosto comprido, olhos grandes, parte para Angola e foi reconhecida pelo dito Francisco Antonio da Gama. Em 26 de setembro de 1830.

[LOCUÇÃO]

Essas são anotações dos livros que registravam os passaportes pras saídas do Brasil nas primeiras décadas do século 19.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Agostinho Pacheco, preto forro de nação congo, estatura mediana, rosto comprido, pouca barba, olhos grandes, parte para Cabinda e foi reconhecido por Lourenço Pereira dos Santos. Em 26 de dezembro de 1829.

[ÁUDIO]

Som de embarcação pequena no mar.
Fica no fundo da próxima locução.

[LOCUÇÃO]

Os registros ajudam a ter ideia do volume de pessoas que fizeram o caminho de volta. É claro que aconteciam também algumas tentativas desesperadas de fuga. Em 1850, por exemplo, o navio inglês Rifleman interceptou uma embarcação a trinta quilômetros da costa que tinha a bordo nove homens, uma mulher e um menino de 16 anos. Eles eram de Campos, no interior da província do Rio, e tavam tentando ir pra África. Provavelmente morreriam no mar, porque só tinham água pra beber durante oito dias no máximo. Então esse tipo de coisa até acontecia...

[LOCUÇÃO]

Mas hoje a gente tá falando de pessoas livres ou libertas que conquistaram o direito de fazer a travessia de retorno. Muita gente conseguiu. O registro da Polícia da Corte indica que a grande maioria dos libertos que saíram do porto do Rio de Janeiro em direção à África foram pra Costa da Mina e pra Angola. O que só confirma a ligação estreita entre o Rio e esses dois pontos importantes da margem africana, como a gente ouviu no episódio 3. Ou seja, a rota do retorno tava diretamente ligada à rota escravista.



[MONICA LIMA]

[36:26 a 36:31]

A gente sabe, né, que a maior parte do tráfico escravista do Brasil, ele tinha rotas, né?

[36:35 a 36:44]

Divididas entre os grandes comerciantes. Então, você tem uma rota que vai do Porto de Salvador pra chamada Costa da Mina, que faz parte dessa Costa dos Escravos.

[37:07 a 37:18]

E o Rio de Janeiro, com a sua relação histórica fortíssima com o Porto de Luanda, em Angola, e o Porto de Benguela. Também o Porto de Cabinda, sobretudo no século 19, da Baía de Cabinda.

[LOCUÇÃO]

Os retornos começam a seguir a lógica desses caminhos.

[MONICA LIMA]

[37:32 a 37:40]

E, de fato, os retornos, que no Brasil são majoritários a partir do Porto de Salvador... Vão se dirigir a essa Costa da Mina.

[37:47 a 37:53]

E os retornos a partir do Porto do Rio de Janeiro vão se dirigir também à Costa da Mina.

[LOCUÇÃO]

... nesse caso contrariando as rotas do tráfico, porque o Rio tinha uma relação muito mais forte com Angola...

[MONICA LIMA]

[38:01 a 38:21]

Mas é totalmente explicável porque, ao norte do Equador, você vai ter a proibição do tráfico. Então, quem voltasse para a Costa da Mina teria muito menos chance de ser reescravizado ou sofrer essas consequências. Além de você ter uma comunidade brasileira muito bem estabelecida na Costa da Mina.

[LOCUÇÃO]



A Costa da Mina abrange a área do mapa onde hoje ficam Gana, Togo, Benin e Nigéria. Ali os retornados se estabelecem e se denominam brasileiros.

[MONICA LIMA]

[38:31 a 38:44]

Mas vamos ter retornos também para a região Congo-Angola, a região da Baía de Cabinda, do Porto de Luanda e Benguela. Haverá retornos para lá, a partir do Rio de Janeiro.

[LOCUÇÃO]

A relação histórica com o Brasil é muito estreita, principalmente nas cidades de Luanda e Benguela. Até o idioma é um facilitador. O resultado é que, em Angola, não vai ter a formação de comunidades específicas de retornados, porque quem desembarca ali vai se misturando com os locais. A não ser em Cabinda, que tinha menos presença portuguesa, então lá foi um pouco mais parecido com a Costa da Mina.

[MONICA LIMA]

[40:13 a 40:30]

Lá eles vão criar, esses retornados vão fazer parte de comunidades locais. Também identificadas como de retornados visíveis. Vão nomear povoações e vão ser vistos pelos viajantes como esse grupo, em especial.

[MÚSICA]

Tema para acompanhar as locuções.

[LOCUÇÃO]

Essas pessoas geralmente saíam do Rio de Janeiro em pequenos grupos, ou individualmente. Não existem registros de famílias numerosas partindo juntas pra Angola, e dificilmente eram grupos com mais de três pessoas. A professora Mônica notou **uma** exceção, em 1835. No dia 21 de dezembro daquele ano, saiu do porto do Rio o brigue Funchalense, um navio português de comércio de azeite, com 53 pretos africanos libertos.

[LOCUÇÃO]



Em Angola essas pessoas conseguem trabalhar nas atividades urbanas de Luanda, no comércio, na construção, em várias funções. Até porque muitas vezes eram pessoas qualificadas profissionalmente.

[MONICA LIMA]

[33:26 a 33:37]

Alguma coisa ele tem ali... o que ele tinha, o que ele desenvolvia, o que ele fazia, que já explica, de uma certa maneira a construção das condições desse retorno.

[33:40 a 34:10]

Nessa sociedade, ele vai se colocar com esses seus conhecimentos **[tirar silêncio]** Que vai, inclusive, permitir o desenvolvimento de cidades africanas, nessa costa dos escravos, com a presença **[tirar silêncio]** dessas pessoas. Eles vão ser construtores. Eles vão ser mestres de obras. Eles vão ser alfaiates. Responsáveis por toda uma mudança no modo de trajar...

[LOCUÇÃO]

E o mais simbólico é que eles tavam levando de volta pra África um conhecimento que nasceu na própria África.

[MONICA LIMA]

[34:15 a 34:50]

Porque, na verdade, não são conhecimentos que eles adquiriram da sociedade colonial brasileira, simplesmente. Foi na troca com os outros africanos aqui, que eles vão aprimorar muito desse conhecimento. Então, vai ser nesse compartilhamento de saberes, de competências, de conhecimento sobre seu próprio ofício, que vai fazer com que eles se tornem artesãos e artífices mais especializados, que vão chegar na África, nesse lugar.

[LOCUÇÃO]

Pra quem tinha muita dificuldade de se estabelecer no Brasil, era um alívio encontrar um novo ambiente que permitia colocar em prática esse conhecimento. Daí a urgência de encarar o Atlântico. Com o passar do tempo, o panorama vai mudando por aqui. Na década de 1850, as pessoas já conseguiam se planejar com mais calma antes das viagens.



[MONICA LIMA]

[41:25 a 41:48]

E isso vai fazer com que na década de 50, já no início da década de 50, a gente assista um grande número de retornos que vai ter outra característica. Já não é mais: estou saindo do país porque está difícil para a minha vida aqui, mas estou saindo daqui porque eu posso me colocar melhor nesse mundo atlântico do lado de lá.

[LOCUÇÃO]

Sem aquela urgência da rebelião, com mais planejamento e menos riscos.

[MONICA LIMA]

[41:54 a 42:24]

Muitos grupos saindo aqui do Rio de Janeiro. E eles vão para diferentes partes da África, sobretudo para a região da costa ocidental. E eles vão ter como característica uma organização prévia aqui, que possibilita essa viagem. Então essa organização passa desde “vamos juntar dinheiro para voltar, temos um grupo organizado”... E as diferentes formas de solidariedade que vão propiciar essa organização.

[LOCUÇÃO]

Incluindo a busca de financiamento internacional pra fazer a viagem.

[MONICA LIMA]

[44:42 a 45:04]

Temos no Rio de Janeiro uma história que é muito interessante, que é o grupo de Libertos Congo. Um grupo que se organiza, que escreve para os ingleses. Na época o Lorde Palmerston, que estava aqui no Rio de Janeiro como representante diplomático, pedindo apoio financeiro para voltar para a África.

[LOCUÇÃO]

A carta é assinada por Joaquim Nicolau de Brito, em nome de 106 pessoas, incluindo dezenas de crianças. Eles pedem apoio financeiro pra sair do Brasil e fundar uma cidade em Cabinda nos padrões europeus.

[MÚSICA]

Tema para a leitura da carta e os comentários da Mônica.



Depois vai ser o tema de transição de capítulo.

[ÁUDIO]

Som de escrita.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

O melhor lugar para os libertos africanos e seus descendentes livres, residentes no Império do Brasil, irem e fundarem uma cidade é o lugar chamado Cabinda, no Sudoeste da África, porque os nativos daquele lugar tiveram, ao longo dos anos, o desejo de adquirir civilização europeia.

[MONICA LIMA]

[45:10 a 45:22]

Entre eles estava um representante de uma família importante de Cabinda. Eles escrevem e dizem... olha, nós somos artesãos, qualificados... tarará, tarará.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

As pessoas que forem fundar a mencionada população, começarão cultivando a terra, plantando café, algodão, cana de açúcar, tabaco, índigo, mandioca, feijões, milho, e todo tipo de vegetais, tanto para consumo quanto para exportação, para estabelecer relações comerciais com todas as nações do mundo, porque o sistema será estimulante não só pros antigos habitantes de Cabinda, mas para aqueles do interior, para que se dediquem ao trabalho no campo e ao comércio, e gradualmente começarão a esquecer a prática ilegal de venderem uns aos outros aos traficantes de escravos.

[MONICA LIMA]

[45:26 a 45:56]

Queremos combater o tráfico atlântico de africanos escravizados. Queremos outras formas de desenvolvimento para a África. Se colocam sempre nessa postura de que essa história que eles tinham vivido como escravizados, essa experiência atlântica que eles tinham vivido, permitiria que eles voltassem num lugar positivo para elevar o continente em termos econômicos e sociais.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]



Eu, abaixo assinado, representando meus companheiros que estão especificados na lista entregue com este documento à sua Excelência o Primeiro Ministro Britânico, asseguro que é verdade tudo o que está escrito.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1851.

Assinado: Joaquim Nicolau de Brito

[LOCUÇÃO]

Nem todas as tentativas de voltar pra África tinham esse grau de organização e estratégia, mas o planejamento passou a ser cada vez mais comum. Lembra do carpinteiro liberto encontrado pelo viajante francês lá no começo do episódio? O relato diz que ele tava juntando dinheiro. Eu prometi que a gente vai voltar na cabana dele, e vai ser daqui a pouquinho. Mas antes eu quero que você conheça a história de três embarcações que saíram do Rio de Janeiro e levaram africanos de volta pra casa.

[MÚSICA]

Virada para transição de capítulo.

A música fica um pouco.

[ÁUDIO]

Som de navio de madeira no mar.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: Maria Adelaide, Feliz Animoso, e Robert

[ÁUDIO]

Fica um pouco o som de navio de madeira no mar.

[LOCUÇÃO]

Agora a gente tá no dia 11 de maio de 1836, dentro de uma embarcação portuguesa chamada Maria Adelaide, que acaba de zarpar do porto do Rio. É uma noite de quarta-feira, com a lua minguante no céu da Baía de Guanabara.

[ÁUDIO]

Som das ondas batendo no barco.



[LOCUÇÃO]

Esse navio tá indo pros Açores, um arquipélago de Portugal no Oceano Atlântico. Então quem circula pelo convés vai ver o mestre Lourenço Justiniano Jardim, o português que comanda a nau. Além dos 14 tripulantes, tavam ali como passageiros um lusitano chamado Inácio Antônio de Alvarenga e o seu filho pequeno.

[ÁUDIO]

Som da água.

[LOCUÇÃO]

Só que, antes de chegar nos Açores, a viagem ia fazer uma escala na Costa da Mina.

[LOCUÇÃO]

Então não eram só esses portugueses que tavam a bordo.

[ÁUDIO]

Burburinho de pessoas no navio.

[LOCUÇÃO]

Ali no canto tá a Carlota Cassanje, com o seu filho. Do outro lado tá a Catarina Monjola, com **quatro** meninos. E a conta não acaba aí. O Maria Adelaide tá levando duzentos e trinta e quatro africanas e africanos libertos. Incluindo 69 crianças.

[ÁUDIO]

Aumenta o burburinho de pessoas no navio.

[LOCUÇÃO]

Na maioria são pretos minas, mas também tem gente que partiu de portos de outras regiões da África. Raimundo e Carolina, por exemplo, são registrados como caboverdes. O Maria Adelaide carrega pelo Atlântico famílias inteiras de ex-escravizados. Todos devidamente identificados na Secretaria de Negócios Estrangeiros, no mesmo procedimento exigido de qualquer cidadão que saía do



Brasil. Pessoas que viviam no Rio de Janeiro e reuniram condições pra fazer a travessia de volta.

[ÁUDIO]

Burburinho de pessoas no navio.

[MÚSICA]

Tema para acompanhar as próximas locuções.

[LOCUÇÃO]

Quatro anos depois, em 2 de agosto de 1840, parte um brigue de bandeira brasileira, o Feliz Animoso. Ele sai do Rio com destino ao porto de Benguela, também passando pela Costa da Mina.

[ÁUDIO]

Continua o som do navio de madeira no mar.

[LOCUÇÃO]

A embarcação tá carregada de aguardente e gêneros alimentícios de vários tipos. Na época era intenso o comércio entre o Rio e o porto de Benguela. A lista de passageiros inclui dois brasileiros, três portugueses, um maltês, e trinta africanos minas libertos. Entre os ex-escravizados, metade é de mulheres, e sete delas viajam sozinhas. O grupo tem quatro crianças acompanhadas de pai e mãe. E um menino, de nome Adriano, viaja só com o pai, Duarte José Martins da Costa.

[LOCUÇÃO]

A partida do Feliz Animoso não só tava registrada na Polícia da Corte, como foi noticiada no Jornal do Commercio.

[ÁUDIO]

Segue o som do mar.

[LOCUÇÃO]

E teve mais, claro.



[MONICA LIMA]

[42:24 a 42:51]

Tem um embarque que é o embarque do Brigue Robert, que é de 1851. Cujas lideranças, que é formada por um grupo de africanos islamizados. Então a gente mais ou menos pode deduzir que o islã entre essas pessoas escravizadas no Rio de Janeiro, não era só na Bahia, no Rio também era uma forma de junção.

[LOCUÇÃO]

Um africano liberto chamado Raphael José de Oliveira, representando um grupo maior de pessoas, firma um contrato com o inglês George Duck, o mestre do brigue Robert.

[PRONÚNCIA: A Monica fala Robér]

[MONICA LIMA]

[43:26 a 43:39]

Que diz desde os locais que eles querem ir, fala que eles querem passar em Salvador para pegar os amigos, os parentes que vão junto com eles. Uma viagem toda planejada.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

O dito navio deverá receber neste porto, sessenta e três homens africanos livres, mulheres e crianças incluídos neste número, e suas bagagens. Devem prosseguir pra Bahia, e ficar lá, se requerido, por 14 dias. E então seguir para um porto seguro no Golfo do Benin, na Costa da África.

[MONICA LIMA]

[43:08 a 43:26]

Então a gente tem esse grupo de pessoas que vai procurar dois missionários quackers para que eles vejam o contrato deles de volta, que eles tinham feito com o capitão do navio para voltar para a África.

[LOCUÇÃO]

Tudo especificado no contrato, até a quantidade de comida e água.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]



O mestre se compromete a fornecer para os ditos passageiros, diariamente, sessenta libras de carne de sol, dois alqueires e meio de farinha, e meio alqueire de feijão preto. Além de um lugar para cozinhar e a necessária lenha a ser fornecida pelo capitão, e sessenta galões de água a ser suprida diariamente. Multa pelo não cumprimento deste acordo: quinhentos pounds em libras esterlinas.

[LOCUÇÃO]

Os africanos apresentam o contrato pra dois missionários ingleses, representantes da companhia Religious Society of Friends. E também exigem notícias sobre o destino. Pra saber se naquela época o Golfo do Benin ainda tinha traficantes de escravizados.

[MONICA LIMA]

[43:39 a 44:08]

E não poucos deles trocavam cartas com outro lado do mar. Programando essa volta. Alguns levavam cartas específicas para algumas lideranças. No intuito de chegar lá com uma recomendação. Isso tudo era, vamos dizer assim, era muito bem planejado e organizado. Porque não era uma viagem simples. Inclusive eles tinham que garantir que o capitão do navio não ia vendê-los no primeiro porto.

[LOCUÇÃO]

Com todos os detalhes acertados, o brigue Robert parte no dia 18 de dezembro de 1851, e o Jornal do Commercio noticia:

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

O mestre George Duck comandava uma equipe de nove tripulantes, carregando mantimentos e levando como passageiros 22 famílias de pretos minas forros, num total de 62 pessoas.

[LOCUÇÃO]

São tantas histórias de africanos que voltaram pro seu continente. E também de afro-brasileiros que fizeram esse retorno pra buscar as raízes dos seus ancestrais.

[MONICA LIMA]

[27:33 a 27:40]



E aí por que o termo retorno? A gente tem o termo retorno? Se alguns eram nascidos no Brasil?

[27:53 a 28:11]

Que mesmo aqueles que voltaram e que eram nascidos no Brasil. Era o que chamavam na época, os crioulos, como se dizia. Fazem esse movimento numa perspectiva de um retorno com os seus pais, com os seus mais velhos.

[LOCUÇÃO]

Criando inclusive algumas das maiores comunidades brasileiras no exterior, como os tabons e os agudás.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=YnUKmTE7y9Q>

[0:12 a]

Unidos da Tijuca 2003.

Entra a bateria, e quando começa, a locução da Gabi entra por cima.

[LOCUÇÃO]

Esse é o samba-enredo da Unidos da Tijuca no Carnaval de 2003, “Agudás, os que levaram a África no coração, e trouxeram pro coração da África o Brasil”. Como diz o samba: “Na volta das espumas flutuantes, Mãe África, receba seus leões”

[ÁUDIO]

[sobe o som em 0:36]

Sou negro e venci tantas correntes

A glória de quebrar todos grilhões

Na volta das espumas flutuantes

Mãe África receba seus leões

[Depois disso vai sumindo aos poucos no fundo da locução]

[LOCUÇÃO]

Essas pessoas cruzavam o oceano levando na bagagem memória e conhecimento, principalmente pra região ocidental do continente. Ali em Gana, eles não entendiam bem o idioma local, falavam em português, e usavam muito a expressão “Tá bom”.



No Benin, usavam a palavra “aguda” como uma corruptela de Rua D’Ajuda, onde muitos moravam em Salvador. Assim se estabeleceram os tabons e os agudás.

[LOCUÇÃO]

Trabalharam como alfaiates, marceneiros, barbeiros, contadores. Construíram bairros. Deixaram heranças que tão de pé até hoje, como a Grande Mesquita de Porto Novo, na capital do Benin, construída em 1913. A arquitetura não lembra em quase nada um templo muçulmano, mas lembra muito uma típica igreja católica baiana do período colonial.

[MÚSICA]

Tema para o encerramento.

[LOCUÇÃO]

Seja com brasileiros se estabelecendo do outro lado do Atlântico, ou com africanos fazendo o caminho de volta, são histórias de gente que lutou pela liberdade. Histórias como a do carpinteiro lá do início do episódio. O homem que tinha os olhos fixos no oceano e carregava pequenas esculturas representando a sua família.

[LOCUÇÃO]

Seis meses depois daquele encontro na Estrada do Corcovado, o viajante francês voltou até lá pra rever o carpinteiro. Mas a cabana tava vazia, abandonada.

[MÚSICA]

Pequena virada na música.

[LOCUÇÃO]

Não se sabe se ele foi morar em outro lugar do Rio, ou se ele finalmente conseguiu juntar dinheiro e voltou pra África. Aquele homem pode muito bem ter sido personagem de um desses casos que a gente ouviu aqui hoje. Não tem como saber. Mas o que a gente sabe com toda a certeza é que muitos desses retornos aconteceram. De verdade.

[MONICA LIMA]

[55:57 a 56:04]



São histórias extraordinárias. E que merecem ser conhecidas e iluminadas para a gente entender que isso também acontecia.

[56:21 a 56:40]

Nunca foi fácil, eu tô sublinhando isso porque é muito importante lembrar. Mas que essa construção da liberdade era algo que partia das pessoas escravizadas. Ou seja, são formas de construir lugares de liberdade.

[MÚSICA] 1

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Eu quero agradecer demais à professora Mônica Lima, pela aula de hoje. E pela curadoria na galeria Rio Atlântico, que mais uma vez eu indico pra você explorar no nosso museu virtual em riomemorias.com.br. A temporada tá quase no fim. No último episódio eu vou te levar pra conhecer o Rio africano e as heranças culturais que tão aí até hoje.

[MÚSICA] 1

Virada na música para os créditos.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora do podcast. Diz pra gente se você tá gostando, o nosso instagram é [@riomemorias](https://www.instagram.com/riomemorias), e no Spotify você também pode deixar um comentário.

[LOCUÇÃO]

A realização dos episódios é da produtora Escuta Aqui, com coordenação e roteiros do Rodrigo Alves, que também grava as locuções adicionais. A supervisão dos roteiros é do Thales Ramos.

[LOCUÇÃO]

A Clara Costa é responsável pela edição de som e pelas sonorizações. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A Jamille Bullé gravou a entrevista com a professora Mônica Lima no Estúdio Rastro, com a supervisão técnica do Danny Dee. As minhas locuções são gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte.



[LOCUÇÃO]

A pesquisa do podcast é feita pelo historiador Davi Aroeira. E a trilha sonora que você ouve é uma composição original do Gabriel Falcão.

[LOCUÇÃO]

Só falta um episódio, eu encontro você lá. Obrigada, e até mais!!

[PATROCINADORES]

Essa temporada do podcast é patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Até o episódio final!

[FIM DO EPISÓDIO]